

O ensino e aprendizagem de guitarra elétrica no PROARTE

Comunicação

*Luciano Luan Gomes Paiva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
luciano.90@hotmail.com*

Resumo: Este texto trata de um relato de minha experiência como docente de música, mais especificamente professor de guitarra de um projeto social, o qual atua também como escola especializada de ensino de instrumento musical em um município do interior do estado do Rio Grande do Norte. Dessa forma, o objetivo principal deste texto é relatar e discutir sobre o ensino e a aprendizagem musical de guitarristas que são alunos do PROARTE nos dois polos de atuação do projeto. Nesse sentido, esta pesquisa trará relatos oriundos da minha convivência com 5 alunos de guitarra elétrica do projeto, os quais estudam em duas turmas, uma em Guamaré e outra em Baixa do Meio. Aponta-se que, os alunos de guitarra elétrica do PROARTE são ávidos com relação à aprendizagem musical, visto que eles buscam aprender dentro de sala de aula, com professor, fora de sala de aula (nos ambientes do projeto e em outros âmbitos), com colegas, em conversas, pela internet entre outras formas. Portanto, organizam suas fontes de aprendizado da melhor forma para seu entendimento, visando além da facilidade, sobretudo, aprender técnicas, nuances, dinâmicas, exercícios e repertórios no instrumento musical.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem de música. Guitarra elétrica. Projeto social.

Considerações iniciais

O ensino de música acontece de diversas formas e em vários ambientes de ensino, caracterizando uma pluralidade no ensino e aprendizagem musical, contemplando também, alunos oriundos de diferentes contextos e com experiências musicais distintas. Assim, professores de música buscam entender como acontecem os processos de ensino e aprendizagem de seus alunos para, dessa forma, proporcionar um ensino musical diverso e significativo, principalmente tornando a música uma atividade prazerosa aos aprendizes.

Essa iniciativa que o docente de música pode tomar, pode acontecer em quaisquer dos âmbitos educacionais, inclusive nos espaços não escolares como os projetos sociais voltados ao ensino de música, que além do próprio ensino de música, executam uma função social bastante importante. Esses projetos acontecem principalmente nas comunidades mais

periféricas urbanas ou em municípios de interior que não têm tantas oportunidades e perspectivas de atuação profissional, portanto, tendo como algozes o trabalho infantil, a prostituição e o tráfico de substâncias ilícitas.

Como alternativa de prevenção e combate às mazelas que ocorrem devido a desigualdade social e outros fatores, o ensino de instrumento musical aparece de maneira intensa em projetos sociais com a perspectiva de funcionar como uma escola especializada de música. Esse modelo de funcionamento é desenvolvido a partir de diversos aspectos como estrutura física, quantitativo de professores, instrumentos musicais, materiais e funcionários de apoio entre outros aspectos que estão a depender de financiamento estatal ou patrocínio filantrópico.

Nessa temática, este texto trata-se de um relato de experiência como docente de música, mais especificamente professor de guitarra de um projeto social, que atua também como escola especializada de ensino de instrumento musical em um município do interior do estado do Rio Grande do Norte. O PROARTE funciona há 10 anos com oficinas de diversos instrumentos musicais, dança, artesanato, recreação e educação ambiental, abrangendo crianças e adolescentes em dois polos, no município de Guimarães e no distrito de Baixa do Meio.

O projeto funciona com a perspectiva de proporcionar no contraturno, atividades aos alunos matriculados em escolas regulares de educação básica do município, oferecendo também, merenda semelhante à dessas escolas. O PROARTE já foi patrocinado por empresas atuantes na filantropia e trabalho social, mas hoje todos os custos com o projeto (merenda dos alunos, contrato de professores e funcionários de apoio, materiais em geral e estrutura física) são financiados pela prefeitura municipal de Guimarães-RN.

Assim sendo, o objetivo principal deste texto é relatar e discutir sobre o ensino e a aprendizagem musical de guitarristas que são alunos do PROARTE nos dois polos de atuação do projeto. Nesse sentido, esta pesquisa trará relatos oriundos da minha convivência, por 1 ano e meio, com 5 alunos de guitarra elétrica do projeto, os quais estudam em duas turmas, uma em Guimarães e outra em Baixa do Meio.

Os alunos em questão têm idades entre 14 e 19 anos, dois deles estando no fim do ensino fundamental II e os outros três no ensino médio, mas apenas um tem guitarra e o

restante estuda instrumento nos dias em que vão ao projeto. O PROARTE, no momento, não disponibiliza de guitarras, apenas violões para estudo nos ambientes de convivência, portanto, a maior parte dos alunos estudam e praticam música somente nos dias em que frequentam o projeto.

Dessa maneira, este texto abordará debates sobre a aprendizagem musical de guitarristas dentro e fora de sala de aula, inclusive de forma direcionada com professor de guitarra e auto direcionada, bem como na troca de informações entre pares, construindo o conhecimento musical de forma diversa e significativa.

O ensino e aprendizagem de guitarra elétrica no PROARTE

O ensino de guitarra elétrica no PROARTE acontece uma vez por semana em uma sala específica para ensino de instrumentos de cordas dedilhadas, tendo eu como professor e, no momento, a aula acontece com uso de violões que o projeto conseguiu emprestado do Programa Mais Educação. Em contrapartida a isso, a prefeitura municipal de Guamaré já licitou a compra de diversos instrumentos musicais necessários ao projeto, que estão no processo licitatório, com perspectiva de entrega ainda neste ano (2019).

Em sala de aula, são abordados assuntos específicos voltados à aprendizagem musical do guitarrista como, escalas, ritmos, arpejos, repertório, técnicas, dinâmicas, improvisação, composição entre outras temáticas específicas à formação musical dos alunos. Com certo período, fui percebendo que devido às dificuldades de estudo no instrumento fora do projeto, bem como por questões motivacionais, os alunos não tinham um rendimento esperado com tarefas incumbidas de fazer em casa. Isso, provavelmente, acontece por muitos deles não terem o instrumento para estudar e nem tampouco poderem levar para casa.

Nesse sentido, comecei a propor aplicações dos conteúdos estudados no momento da aula mesmo, visando proporcionar naquele instante uma experiência musical significativa, podendo esta, ser a única prática musical durante a semana para alguns desses alunos. Portanto, diminuí a quantidade de conteúdos que eram transmitidos em sala de aula, resumindo-os a um ou dois assuntos, que, eram aplicados e testados de diversas formas, principalmente no repertório estudado.

Mariano (2018, p. 371) ressalta a importância do estudo musical pautado no aprendizado do repertório, uma vez que “sabemos que é muito positivo este tipo de processo de aprendizagem, pois além de desenvolvermo-nos musicalmente, agregamos mais músicas que podem ser utilizadas em nossas carreiras musicais”. O autor esclarece alguns dos benefícios que o estudo de conteúdos aplicados ao repertório pode trazer à construção de conhecimento musical dos alunos, podendo esta, ser também uma forma de valorização da bagagem musical dos alunos.

Os debates sobre ampliação do repertório musical vêm sendo discutidos na área de educação musical há algum tempo, mas, na prática, talvez esse discurso não aconteça como uma ampliação, que seria considerar o repertório que o aluno já tem, por determinado período, e, aos poucos ir possibilitando novas experiências musicais com inserção de novos repertórios. Com uma perspectiva de ampliação do universo musical, o professor de música pode estar restringindo a bagagem musical de seu alunado, por estar oferecendo apenas o que lhe convém, o que acha importante seus alunos conhecerem, bem como o que não acha nocivo à formação musical e a cidadania do aluno.

Dessa forma, questiono: os professores de música estão, de fato, considerando a bagagem musical de seus alunos? Ou estão apenas considerando a bagagem que lhe convém? Os professores estão aceitando a entrada do Funk, Rap, Reggae entre outros gêneros que habitualmente são marginalizados e excluídos da sala de aula? O ensino pode estar acontecendo sem que o professor de música considere a diversidade existente em sala de aula. “Diversidade que, representada na música, aponta para epistemicídios cometidos contra índios, mestiços, negros, mulheres, pobres, entre tantos outros grupos sociais que, no cenário institucional da música, não estão devidamente representados” (QUEIROZ, 2017, p. 155).

Obviamente, é possível encontrar diversos casos de inserção desses gêneros em sala de aula, mas ao contemplar a usualidade de músicas que tradicionalmente foram impostas como “de qualidade”, é imensa a discrepância entre o que os tradicionais conservatórios de músicas fizeram e fazem às pessoas, forçando-as a engolirem sua música. Em contrapartida, é crescente o debate em eventos científicos sobre a inserção de gêneros, que são marginalizados socialmente, e, conseqüentemente, são excluídos dos ambientes de ensino e aprendizagem música.

Presenciei em 2018, no I Fórum de Educação Básica do FLADEM¹ que aconteceu em Belém-PA, uma discussão bastante intensa sobre a contemplação de repertório da bagagem musical que os alunos trazem consigo, com professores atuantes sendo a favor e outros contra aproveitar exatamente o que o aluno sugerir em sala de aula. Muitos são os argumentos trazidos por ambos os lados, dividindo a classe docente nesse sentido, uns sugerem uma “troca” outros apontam para um “aproveitamento factual”, e, desta forma, resalto a importância de debates sobre essa e outras temáticas em eventos da área de educação musical, visando o avanço da área e das práticas de ensino e aprendizagem de música.

Diante das reflexões que já tive, no PROARTE, dou total liberdade de meus alunos escolherem o repertório que querem estudar em sala de aula, visando não ser mais um docente de música que oculta as experiências que os alunos trazem consigo. É importante falar, que alguns de meus alunos ficam envergonhados com algumas músicas com trechos pejorativos que vem à cabeça deles no momento que estão pensando em qual repertório sugerir, com curtos comentários como “não, essa não [risos]”, e, desta forma, não buscam aprender tal repertório, pelo menos na minha frente.

Algumas vezes também acontece de os alunos não conseguirem escolher uma música e pedirem para eu sugerir algumas “que eu goste” para eles escolherem dentre as sugestões, desta maneira, ocorrendo uma troca de conhecimentos na ampliação do repertório musical. Normalmente penso em músicas que estão em alta na mídia ou que já foram um sucesso consolidado por algum tempo, visando sugerir um repertório significativo para os alunos terem interesse em aprender no instrumento musical.

Assim sendo, os alunos têm oportunidade de estudar guitarra em sala de aula, tocando, testando, criando, improvisando e apreciando suas práticas e às dos colegas, visto que nem sempre os alunos chegam sozinhos à prática do ouvir a si próprio ou de ouvir o coletivo, dificultando possíveis reflexões sobre a prática musical. Portanto, propus aos alunos em sala de aula que, enquanto um deles faz uma performance, pudéssemos observar atentamente, objetivando inclusive, fazer *feedbacks* que possam servir de autorreflexão para a prática musical na guitarra elétrica.

¹ Fórum Latinoamericano de Educação Musical.

Na prática, enquanto um aluno está improvisando os outros ficam olhando os caminhos melódicos e ouvindo a performance que vai surgindo pelas mãos de seu colega, estimulando a troca de ideias para a construção de conhecimento musical. Em alguns momentos, também buscamos reproduzir algumas frases que se destacaram na performance dos colegas, mas tentando lembrar e testar de forma prática, estimulando além do aprendizado prático no instrumento, também o aprendizado de forma auditiva.

Mariano (2018, p. 197) ressalta a importância da audição no processo de construção do conhecimento musical, haja vista “através da aprendizagem de ouvido podemos desenvolver nuances que muitas vezes a partitura não consegue expressar”. O autor traz como exemplo falho, o aprendizado somente por partitura, que, assim como qualquer outra forma de ensino e aprendizagem, se a construção de conhecimento passar apenas por uma fonte de aprendizado, as outras serão negadas.

Muitas são as fontes de aprendizado musical e o professor de música não pode deixar passar despercebido, pois seus alunos podem aprender mais facilmente e de forma prazerosa, pois estarão conectados às maneiras mais eficientes para seu aprendizado. Módolo (2015) confirma em sua pesquisa de mestrado que, tanto professores quanto alunos acessam uma grande quantidade de recursos para aprender guitarra elétrica atualmente, possibilitando inclusive, trocas de informações entre pares próximos e em longa distância.

Alguns alunos preferem didáticas com estímulos específicos, outros preferem maneiras diferentes para construir conhecimento musical, portanto o docente de música é responsável por oferecer uma diversidade de fontes de aprendizado para seus alunos, visando proporcionar toda uma multiplicidade de fontes de aprendizado musical. Assim sendo, os alunos poderão dar indicativos aos professores de qual ou quais maneiras eles aprendem mais facilmente, contemplando uma prática de aprendizagem plural e compartilhada entre colegas e docentes de música.

Nos espaços de convivência do PROARTE acontecem diversas práticas coletivas e compartilhadas entre os alunos: eles conversam, assistem vídeos no *youtube*, ouvem música, jogam xadrez, UNO e jogos nos celulares, mas, principalmente, trocam conhecimentos musicais, com ou sem uso de instrumentos musicais convencionais. Garcia (2011, p. 61) fala que “o aluno constrói suas próprias conclusões a partir da mistura de informações oriundas

de fontes diversas. Essas informações se relacionam com os gostos, valores e experiências pessoais dos alunos”. Kleber (2011, p. 46) esclarece, trazendo como um dos resultados de sua pesquisa sobre as redes de sociabilidade em projetos sociais e o processo pedagógico-musical que,

a performance musical é um condutor dos processos de ensino e de aprendizagem, vista como fruto de práticas sociais motivadas pelos diversos sujeitos pertencentes a uma rede policêntrica. Os rituais coletivos como as aulas, os ensaios, os jogos, as brincadeiras e os encontros informais mostram-se como momentos de síntese das relações e das vivências proporcionadas pela música. O lazer, o aprender a tocar “naquele lugar”, o cuidar dos instrumentos, o realizar uma produção musical e os encontros com os amigos fazem parte do contexto do processo pedagógico-musical.

Os alunos do PROARTE trazem uma ampla diversidade de vivências musicais em sua bagagem, que ao se encontrarem, mostram-nas uns aos outros de maneiras diferentes, muitas vezes com didática de ensino nesse processo. Alguns alunos, nas trocas de conhecimento, tentam reproduzir as maneiras que seus professores ensinam, por compartilhamento de partituras ou tablaturas, ensino por imitação e ainda indicando de que forma e os locais onde podem colocar os dedos para tocar. Essa, além de ser uma forma de ajudar o colega, também é uma maneira de realizar-se como professor de música, pois muitos deles têm o sonho de atuar com a música profissionalmente, inclusive na docência.

Isso possibilita que alguns alunos do projeto enxerguem seu professor como referência profissional no âmbito da música, podendo ele, ser, além de um instrutor de conhecimentos, uma ponte para uma possível carreira profissional na música. Com isso, os alunos questionam sobre como é sobreviver financeiramente no âmbito musical, expondo seus medos, dúvidas, interesses, crenças, mitos e sonhos, possibilitando que o professor os conduza às maneiras de alcançar uma formação que permita a atuação na área de música.

Ao mesmo tempo, nas trocas de conhecimento que acontecem nos ambientes de convivência do PROARTE, alguns alunos aproveitam para afirmar-se enquanto aprendizes de música ao mostrarem suas performances e ensinarem aos colegas determinados trechos e músicas que, naquele momento, estão em ascensão naquele grupo específico de alunos. São músicas de bandas específicas, filmes, jogos e desenhos, como por exemplo, o solo inicial de

guitarra da música *Sweet Child O'mine* do *Guns n Roses* ou a melodia da abertura do desenho *Dragon Ball GT*. Ambos exemplos foram situações que pude observar no projeto nos horários de intervalo, que é o momento em que todos se encontram e trocam informações, ensinam, aprendem e compartilham conhecimento musical.

Paarmann (2016, p. 117) aponta que “o autoaprendiz desenvolve, ao longo de sua trajetória, uma forma de aprender personalizada. Seus gostos musicais, seu ambiente familiar, sua vida sociocultural e até mesmo religiosa vão participar da construção de conhecimento e saberes”. Contudo, vale ressaltar que alguns dos alunos aprendem sem tanta consciência de que o momento de troca de informações nos ambientes de convivência do projeto, também são momentos de aprendizagem musical. Garcia (2011, p. 56) em seu trabalho sobre autoaprendizagem na guitarra elétrica explica que:

Os aprendizes possuem diferentes níveis de consciência sobre suas práticas de aprendizado. Se, por um lado, práticas ‘inconscientes’ ocorrem sem nenhuma sensação particular de que o aprendizado está acontecendo, em outro extremo, práticas de aprendizagem ‘consciente’ ocorrem quando o estudante sabe que está aprendendo ou se esforçando para aprender. Os estudantes conscientes possuem então alguns objetivos que são combinados com direcionamento para serem cumpridos como uma estrutura prática de rotina.

Assim sendo, os alunos constroem seu conhecimento musical de forma diversa, contemplando aprendizagens conscientes, principalmente de sala de aula, bem como aprendizagens inconscientes que acontecem em conversas e trocas de informações entre os alunos do projeto. Portanto, os alunos do PROARTE são aprendizes de música que constroem seu conhecimento musical de forma multifacetada, podendo ter pretensões de atuar profissionalmente com a música ou somente vendo ela como uma atividade prazerosa do cotidiano.

Uma grande parcela de alunos do projeto enxerga a música como hobby, inclusive alguns deles estudam somente no momento da aula de guitarra, conseqüentemente, precisam de mais tempo para aprender alguns assuntos ou alcançar determinada performance no instrumento. Ferreira (2010, p. 8) aponta que “muitos dos que procuram aulas de um determinado instrumento exercem outras atividades profissionais e não têm a

música como meio de rentabilidade. Utilizam-na como atividade mental, lazer, em trabalhos voluntários, etc”.

Porém, é importante mencionar que cada aluno tem seu ritmo de estudo e velocidade de aprendizado, que está a depender de seu interesse e uma infinidade de questões que envolvem família, profissão, condição social entre outros tantos motivos. Assim sendo, as práticas musicais em um projeto social devem acontecer de forma a suscitar o aprendizado musical dos alunos, levando em consideração uma gama de possibilidades de ensinar e aprender, bem como todas as questões que envolvam a vida dos alunos, que vão para além do âmbito musical.

Considerações finais

Este texto buscou discutir sobre os processos de ensino e aprendizagem musical de alunos de um projeto social situado no interior do estado do Rio Grande do Norte, que acontece de diversas formas, mas sempre com as interações em pauta, seja professor-aluno ou aluno-aluno. Fato é, que para alunos de um projeto social o ensino e aprendizagem de música não deve acontecer somente como música, ela tem que fomentar lacunas deixadas por uma série de dificuldades socialmente provindas da desigualdade, suscitando melhoras na vida desses alunos, inclusive possibilitando pretensões profissionais.

Alguns dos alunos do PROARTE almejam viver financeiramente trabalhando com música, seja como professor ou como músicos intérpretes, em suas cidades, na capital ou até fora do Brasil, porém eles têm consciência que o funcionamento de carreiras bem-sucedidas a tal ponto não é tão fácil assim. Portanto, buscam estudar, cada vez mais, visando entre tantos objetivos, se tornarem músicos capazes de situar-se em diferentes contextos de atuação, possibilitando futuras oportunidades no mercado de trabalho da música.

A música, por sua vez, oferece a esses alunos não somente oportunidades de trabalho, mas também oportunidades para o fazer musical, independentemente de seguir profissão nesse sentido. O estudo da música proporciona entre tantos benefícios vitais, uma prática prazerosa, que pode suscitar melhoras nas interações interpessoais, no cognitivo

sensorio-motor, bem como dar sentido às outras práticas estudantis escolares e extraescolares.

Os projetos sociais devem estar atentos às demandas educacionais contemporâneas, inclusive por seus alunos estarem atualmente com os recursos tecnológicos em ascensão, por exemplo, com uso de *smartphones* com acesso a uma infinidade de recursos que auxiliam no processo de aprendizagem musical. Os alunos usam tecnologias digitais diariamente e em qualquer lugar, portanto, cabe ao professor de música se aproveitar dessa situação e inserir uma participação tecnológica no processo de ensino e aprendizagem musical.

No PROARTE, os alunos têm diversos problemas que vão para além do âmbito musical, são problemas sociais, familiares, profissionais entre outras tantas dificuldades que atrapalham um desenvolvimento sadio e sem tantos traumas em pouca longevidade. Os projetos sociais vêm com a perspectiva de sanar, em parte, alguns dessas mazelas, objetivando inclusive, que alunos saiam de sua situação de dificuldade social e alcancem novas oportunidades como de suas referências profissionais.

Os professores de música por sua vez, atuam, vivenciam e aprendem frequentemente como lidar com seus alunos, pelas diversas questões que vão aparecendo ao decorrer do processo de desenvolvimento musical. Verificam que alguns alunos aprendem melhor de determinadas maneiras, já outros gostam mais de uma aprendizagem pouco tradicional, inclusive com uso de tecnologias digitais, autodirecionamento e troca de informações com colegas.

Os alunos de guitarra elétrica do PROARTE são ávidos com relação à aprendizagem musical, visto que eles buscam aprender dentro de sala de aula, com professor, fora de sala de aula (nos ambientes do projeto e em outros âmbitos), com colegas, em conversas, pela internet entre outras formas. Portanto, organizam suas fontes de aprendizado da melhor forma para seu entendimento, visando além da facilidade, sobretudo, aprender técnicas, nuances, dinâmicas, exercícios e repertórios no instrumento musical.

A área de educação musical deve estar atenta às possíveis demandas imbricadas aos processos de ensino e aprendizagem musical de alunos em situação de risco, participante de projetos sociais, visando, entre outros objetivos, fomentar novas perspectivas para a vida desses alunos. O ensino e a aprendizagem musical acontecem de forma multifacetada e a área

como um todo precisa estar engajada aos que estão precisando de conhecer a vida através da educação musical, possibilitando experiências significativas àqueles que estão ansiosos por uma vivência que encante e que direcione de forma sólida.

Referências

FERREIRA, Saulo. Ensino coletivo de guitarra: reflexão e ação pedagógica para comunidade; uma proposta de método. **Revista MUSIFAL**, Maceió, Ano 2, n. 2, 6-16. 2010.

GARCIA, Marcos da R. Processos de autoaprendizagem em guitarra e as aulas particulares de ensino do instrumento. **Revista da ABEM**, Londrina, V. 19, n. 25, 53 – 62. Jan-jun 2011.

KLEBER, Magali O. A rede de sociabilidade em projetos sociais e o processo pedagógico-musical. **Revista da ABEM**, Londrina, V. 19, N. 26, 37-46. Jul-dez 2011.

MARIANO, Anderson de S. **Diretrizes e perspectivas para o ensino superior de guitarra elétrica no Brasil**. 2018. Tese (doutorado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2018.

MÓDOLO, Thiago G. **A formação musical e pedagógica em quatro cursos superiores de guitarra elétrica no Brasil**. 2015. Dissertação (mestrado). Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

PAARMANN, Heraldo. **Jovens guitarristas, aprendizagem autodirecionada e a busca pela orientação musical**. 2016. Dissertação (mestrado). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2016.

QUEIROZ, Luis R. Traços de colonialidade na educação superior em música no Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. **Revista da ABEM**, Londrina, V. 25, N. 39, 132-159, jul-dez 2017.